



Evento: XXX Jornada de Pesquisa ▾

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA ABSTINENTE¹

Maria Valentina Franco Valente², Simoni Fernandes³

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio de Ênfase em Psicologia e Processos Clínicos I, do curso de Psicologia da UNIJUÍ.

² Maria Valentina Franco Valente - Estudante do curso de Psicologia.

³ Simoni Fernandes - Professora do curso de Psicologia da Unijuí.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base o texto Caminhos da Terapia Psicanalítica (Freud, 1919/2017), no qual o autor reflete sobre a técnica psicanalítica, destacando que o analista deve manter uma postura ética, aberta e disposta à constante revisão de seus saberes e práticas. A análise não tem como objetivo impor ideais ou moldar o paciente à semelhança do terapeuta, mas sim criar um espaço para que o sujeito possa se apropriar de sua história e encontrar seus próprios caminhos.

O processo analítico busca trazer à consciência os desejos inconscientes que motivam os sintomas e as formações psíquicas. Nesse contexto, o analista atua como alguém que auxilia o paciente a desmontar e reorganizar suas construções internas, sustentando a abstinência e evitando oferecer satisfações imediatas. Freud (1919/2017) ressalta que o sofrimento, quando bem manejado, pode se tornar a força motriz do processo de cura, permitindo transformações psíquicas profundas.

METODOLOGIA

O presente trabalho se fundamenta em textos clássicos de Freud, especialmente Caminhos da Terapia Psicanalítica (1919/2017) e Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912/1996). O estudo não se configura como pesquisa empírica, mas como relato reflexivo sobre a técnica psicanalítica, abordando conceitos fundamentais da escuta clínica, sustentação da abstinência e postura ética do analista. Ressalta-se que não há implicações com Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não envolve coleta de dados empíricos, mas sim análise conceitual.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Freud (1919/2017) reflete sobre a técnica psicanalítica destacando que o analista deve manter uma postura ética, aberta e constantemente disposta à revisão de seus saberes e práticas, reconhecendo a complexidade singular da vida psíquica. A análise, nesse sentido, não visa impor ideais ou moldar o paciente à semelhança do terapeuta, mas sim criar um espaço para que o sujeito possa se apropriar de sua história e encontrar seus próprios caminhos.

O processo analítico busca trazer à consciência os desejos inconscientes que motivam os sintomas e as formações psíquicas. O analista, segundo Freud (1919/2017), atua como alguém que desmonta, junto ao paciente, suas formações complexas e o ajuda a reorganizá-las. Para isso, é fundamental sustentar a abstinência durante o tratamento, ou seja, não oferecer satisfações imediatas, mesmo que pareçam inofensivas. A lógica é que o sofrimento, quando bem manejado, se torna a força motriz do processo de cura (Freud, 1919/2017).

Freud (1912/1996), em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, complementa esse entendimento ao indicar que a escuta do analista deve ser conduzida pela técnica da atenção flutuante, sem julgamentos e sem buscar confirmações conscientes. Para o autor, o analista não deve privilegiar determinados conteúdos ou antecipar conclusões, mas manter-se receptivo a tudo o que é dito pelo paciente, criando condições para que o inconsciente se revele. Assim, a escuta psicanalítica se diferencia por sustentar um espaço ético, no qual o sujeito pode elaborar seus conteúdos sem a imposição de valores ou interpretações precipitadas.

Desse modo, a técnica analítica se funda na combinação entre a abstinência e a escuta clínica atenta, que não busca aliviar o sofrimento de forma imediata, mas favorece a elaboração subjetiva. A reintegração da vida psíquica, nesse contexto, ocorre quando o paciente é conduzido, por meio da própria fala e associações, a estabelecer relações entre suas experiências passadas e seus conflitos atuais (Freud, 1912/1996; Freud, 1919/2017).

Assim, o lugar de escuta que a psicanálise propõe revela-se fundamental não apenas como um espaço de acolhimento, mas como condição para que o sujeito se confronte com sua própria verdade. Diferente de uma escuta utilitarista ou voltada para respostas imediatas, trata-se de um espaço em que o dizer pode emergir em sua singularidade, permitindo ao



analisando reorganizar sentidos e elaborar experiências até então silenciadas. Esse dispositivo ético e clínico reafirma a escuta como ferramenta central de transformação subjetiva (Freud, 1912/1996; Freud, 1919/2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida evidencia a relevância dos princípios freudianos na técnica psicanalítica. A escuta atenta, a sustentação da abstinência e o respeito ao tempo subjetivo constituem fundamentos que permitem ao sujeito ressignificar suas experiências e promover mudanças significativas em sua posição diante da própria vida.

Freud (1912/1996; 1919/2017) demonstra que a análise não se resume a oferecer respostas prontas, mas se caracteriza como um espaço de elaboração e reconstrução interna, no qual o sofrimento, quando bem manejado, pode se tornar motor de transformação psíquica. Assim, a técnica psicanalítica preserva seu caráter ético e clínico ao sustentar o não julgamento, a abertura e a disposição constante de revisão dos saberes e práticas por parte do analista.

Nesse sentido, a escuta clínica revela-se essencial justamente por possibilitar que o paciente encontre um lugar onde sua fala possa ser ouvida sem pressa, censura ou direcionamento. O não julgamento cria as condições para que o sujeito se sinta acolhido em sua singularidade, o que fortalece o vínculo analítico e abre espaço para que conteúdos inconscientes possam emergir. Quando há um espaço de escuta acolhedor, a palavra deixa de ser mero relato e passa a ser um instrumento de elaboração, permitindo que o paciente reorganize seus afetos e construa novos sentidos para sua história.

Palavras-chave: Abstinência. Escuta clínica. Psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica (1919)**. Caminhos para uma Terapia Psicanalítica, p. 138-146. Tradução de: Claudia Dornbusch. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.



FREUD, Sigmund. (1912/1996). **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise.**

In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. XII.